

JORNAL DA ALERJ

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

ANO II Nº 60 Rio de Janeiro, de 28 de outubro a 3 de novembro 2004

Lições de quem joga nas onze

Leandro Marins



Elles são considerados o braço direito dos deputados. Há quem diga que eles são os braços e as pernas dos legítimos representantes do povo e de seus respectivos partidos. Os chefes de gabinete das lideranças de bancada, do Governo e da Presidência da Assembléia Legislativa coordenam as atividades parlamentares e, sempre de forma discreta, desempenham papel importante no xadrez político da Casa. Nas páginas 4 e 5 desta edição, o JORNAL DA ALERJ apresenta esses 18 personagens e detalha suas funções, experiências, lições e histórias no comando da parte técnica do mandato parlamentar. As definições para o cargo são as mais diversas. Alguns dizem

que é preciso discrição, outros afirmam que a presença mais forte é fundamental no apoio aos partidos e seus deputados. Todos são unânimes em ressaltar o viés diplomático que a função exige. “Somos assessores dos parlamentares, mas não estamos aqui para dizer ‘sim’ o tempo todo”, ensina Alexandre Antunes, chefe de gabinete da liderança do PMDB. O escopo da função é bem explicado pelo chefe de gabinete da liderança do PSDB, Gilberto Braga, com um clássico jargão futebolístico: “Aqui, temos que nos virar para jogar nas onze. Sempre tendo em mente que desempenhamos uma função eminentemente política”.

PÁGINA 4 e 5

Candidatos do Rio ao Parlamento Juvenil debatem na Uerj

PÁGINA 3

Picciani busca entendimento entre servidores e Governo

PÁGINA 7

Ricardo Abrão e o trabalho social em Nilópolis

PÁGINA 8

Deputados que entram em campo

PARLAMENTARES RENDEM-SE À PAIXÃO PELO FUTEBOL E REVELAM SUAS HABILIDADES TAMBÉM NO ESPORTE

CAMILA PARADA

Além de parlamentares, a Alerj também tem seus craques no futebol. Não se trata somente do já famoso deputado Roberto Dinamite (PMDB), maior goleador da história do Vasco da Gama e maior artilheiro do Campeonato Brasileiro: pelo menos 22 deputados têm como *hobby* a paixão nacional, o futebol. O Parlamento, quem diria, calça chuteiras.

É o caso, por exemplo, do deputado Coronel Jairo (PSC), presidente e fundador do Ceres Futebol Clube, em Bangu, Zona Oeste do Rio. O parlamentar defendeu as cores do clube durante toda a adolescência e a juventude, foi artilheiro e, atualmente, marca presença nos campos aos sábados. “Esse esporte, para mim, é festa e alegria. O futebol integra as massas populares, além de ser uma competição saudável”, defende. Outro parlamentar adepto dos gramados é o botafoguense Gilberto Palmares (PT), que pratica o esporte desde garoto. “Durante anos ajudei a organizar campeonatos sindicais. Hoje jogo uma vez por semana”, afirma.

Conhecido entre os colegas por sempre ter uma visão técnica das questões discutidas em plenário, o flamenguista Luiz Paulo (PSDB) fez questão de



Confira os times escalados pelo deputado Luiz Paulo, técnico dentro e fora do plenário

escalar os times (*acima*) entre os craques parlamentares. “Como todo bom brasileiro, sou apaixonado por futebol. Já joguei muita pelada. Hoje, por conta da idade, só assisto”, brinca. A idade, porém, não é empecilho para Paulo Melo (PMDB), que assume bater uma bolinha três vezes por semana. A paixão é tanta que ele reformou um campo de futebol em Saquarema, onde recebe amigos para jogar. “Jogo muito bem, dou banho nos outros deputados”, brinca.

Representante-mor da categoria, o deputado Roberto Dinamite (PMDB)

rendeu-se à paixão pelo esporte antes da carreira política, mas depois que vestiu o paletó de parlamentar, raramente calça as chuteiras. “Hoje, quero ser conhecido mais pela minha atuação como deputado”, pondera. Dinamite começou a jogar no Vasco da Gama aos 13 anos e só parou aos 38. O nome parlamentar provém de apelido criado depois da vitória do seu time sobre o Internacional, no estádio do Maracanã, por 2 a 0, em 1971, quando tinha apenas 17 anos. Em sua trajetória, alcançou a marca de 754 gols, em 768 jogos oficiais e 254 amistosos.

Expediente

Publicação semanal do Departamento de Comunicação Social da Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro
dcs@alerj.rj.gov.br Tel: 2588-1404/1383

PRESIDENTE:

JORGE PICCIANI

1º Vice-presidente:

Heloneida Studart

2º Vice-presidente:

José Távora

3º Vice-presidente:

Pedro Fernandes

4º Vice-presidente:

Fábio Silva

1º Secretária:

Graça Matos

2º Secretário:

Léo Vivas

3º Secretário:

Acárisi Ribeiro

4º Secretário:

Nelson do Posto

1º Suplente:

Leandro Sampaio

2º Suplente:

Eliana Ribeiro

3º Suplente:

Nelson Gonçalves

4º Suplente:

Rogério do Salão

Jornalista responsável:

Fernanda Pedrosa

Coordenadora:

Fernanda Galvão

Repórteres:

Alfredo Junqueira

Geiza Rocha

Luiz Marchesini

Estagiários:

Andréia Quelhas, Camila Parada,

Fernanda Porto, Gabriel Mendes,

Guilherme Costa, Leandro Marins,

Mariana Magro, Ramien Brum e

Leandro Rosa

Fotografia:

Daniela Barcellos

Diagramação:

Marcelo Frauches

Coordenação Gráfica:

Aranha / Gráfica Alerj

Montagem:

Bianca Marques e Rodrigo

Graciosa

Tiragem:

2 mil exemplares

FRASES DA SEMANA

“Para mim, não seria caso para Ministério Público, mas sim de prisão para esses empresários e motoristas.”

Georgette Vidor (PPS), sobre o desrespeito ao passe-livre em ônibus da Zona Oeste.



“Uma imprensa que não respeita a ética não forma opinião verdadeira, desinforma e manipula as pessoas por meio de interesses mesquinhos de alguém que, muitas vezes, compra a consciência do jornalista com dinheiro. Um bom jornalista não se vende.”

Caetano Amado (PL), sobre os rumores de que iria deixar seu partido.

“Quando a Casa nos dá a possibilidade de ter uma assessoria, é justamente para discutir esses fatos, porque é evidente que nenhum deputado detém todo conhecimento sobre todos os assuntos.”

Paulo Pinheiro (PT), sobre o trabalho das equipes dos gabinetes

Parlamento Juvenil na reta final

CANDIDATOS DO RIO PARTICIPAM DE DEBATE NA UERJ, ANTES DE ENFRENTAREM O TERCEIRO TURNO DE VOTAÇÃO

Fotos de Mariana Magro

CAMILA PARADA

Alunos da rede estadual de ensino do município do Rio de Janeiro lotaram o teatro Odylo Costa, Filho, na Uerj, no dia 18 de outubro, para participar do debate entre os candidatos que decidem o terceiro turno do Parlamento Juvenil na capital. No primeiro bloco do debate, os candidatos Júlio César Susano, André Luiz Barreto, Bruno Marinho Barcellos e Tiago Gomes Morani explanaram suas propostas e objetivos. Susano, que tenta a reeleição, informou que pretende que seus projetos da edição passada sejam postos em prática. “Vou lutar para que os alunos da rede pública do ensino médio tenham direito à gratuidade nos livros. Com essa medida estarão mais preparados para o vestibular”, defende.

A importância da entrada dos jovens na política foi defendida por Morani. Para o candidato, a juventude brasileira sempre esteve forte em todas as mudanças políticas no País. “Meu maior objetivo é reconquistar o espaço dos movimentos sociais dentro das associações estudantis”, afirma Morani, que pretende lutar pela redemocratização nas escolas públicas e pelo fim da desigualdade social.

Já Barreto informou que, caso eleito, irá defender o aumento no repasse de verbas e equipamentos para a capacitação dos alunos da rede pública. “Como um aluno pode praticar informática, se não há computadores?”, reclama. Já a inserção de programas e palestras nas grades escolares sobre sexualidade foi defendida por Marinho. Segundo o jovem, conscientizar os alunos sobre a importância de se precaver contra as doenças também contribui para o controle da natalidade no País.

O debate, mediado pelo apresentador Léo Almeida (do programa Atitude.com, da TVE), foi dividido em quatro partes e, por meio de sorteio, foram escolhidos os temas que cada candidato iria abordar. Os temas inserção dos jovens no mercado de trabalho, sexualidade, cultura, integração social, violência



Jovens apresentam propostas e assistem à banda da Faetec e ao grupo Mimos do Silêncio

nas escolas, mídia e ecologia foram abordados ao longo dos blocos. A abertura do evento ficou por conta da banda musical da Faetec de Quintino, que com uma apresentação emocionante recebeu aplausos de pé de todo o público presente. Além da Faetec, diversos grupos teatrais ilustraram o evento, como o Movimento Mimos do Silêncio, composto por surdos e mudos, e também a participação de inúmeros grupos musicais, como o coral ABC do Preguiçoso.

Presente ao debate, o secretário de Educação, Cláudio Mendonça, falou da importância da representatividade dos jovens. “A razão da nossa escola são os alunos. É importante que eles tragam suas demandas, seus anseios e suas críticas à gestão governamental, edificando uma consciência coletiva” afirmou. O show de encerramento ficou por conta do grupo de ritmistas do Ciep Nação Mangueirense. No estado, os outros 91 municípios definiram seus representantes no dia 21 de setembro.

Discrição e diplomacia caracteri

DARCI COSTA (PDT)

“Considero-me chefe de gabinete *ad hoc* do PDT”. É assim que Darcy Costa define sua liderança à frente do gabinete do partido. Com graduação em Administração, Pedagogia, Engenharia e pós em Políticas Públicas e Governo, ele considera que o principal atributo para a liderança é saber lidar com as pessoas. “Não se lidera sozinho. O respeito humano está acima de tudo”, destaca. Darcy trabalha com política há mais de 30 anos e está há pelo menos cinco com Paulo Ramos.



EDUARDO CAMINHA (PPS)

Fiel escudeiro do deputado Comte Bittencourt, o advogado Eduardo Caminha acompanha o parlamentar desde os tempos de vereador, em Niterói. “Fundamental é a confiança mútua”, diz Eduardo, que coordena reuniões semanais das equipes dos quatro deputados do PPS. Ele também é articulador da Associação dos Veteranos de Basquete de Niterói. Armador do time, Eduardo vai disputar o campeonato brasileiro de masters, em dezembro próximo.



ALOYSIO NEVES (Presidência)

“Não vejo, não falo, não ouço.” Esta é a lição do chefe de gabinete da Presidência da Alerj, Aloysio Neves. Há 10 anos no cargo, afirma que a discrição e a diplomacia são os principais atributos para o desempenho do trabalho, que vai do atendimento a todos os deputados da Casa à intermediação dos contatos necessários com o Executivo, o Judiciário e as outras assembleias legislativas do País – sempre representando a Presidência. Neves traz no sangue o talento para a chefia de gabinete. Sua mãe, Marina, foi funcionária da Câmara Federal nos tempos em que a instituição funcionava no Palácio Tiradentes e, posteriormente, em Brasília. “Cresci neste palácio e, quando criança, convivi com alguns dos maiores ícones da política, como Juscelino Kubistchek e Tancredo Neves”, recorda. Hoje, trabalha na mesma sala e na mesma mesa em que sua mãe exerceu suas funções, mas ressalta: “Cheguei aqui por esforço próprio.”



HERVAL BARROS (PC do B)

Herval conhece Edmilson Valentim desde 1985, quando ele era deputado federal. Com a eleição de Valentim para a Alerj, em 1994, Herval foi nomeado assessor parlamentar e, no mandato seguinte, passou a chefe de gabinete. “Além do atendimento do dia-a-dia, o chefe de gabinete tem de dar conta dos afazeres do deputado e das articulações do partido. Para isso, a equipe deve estar integrada”, afirma Herval.



MANOEL LAGO (PTN)

Manoel conheceu o deputado Alberto Brizola em 1986, e cerca de um ano depois foi convidado para exercer o cargo de assessor jurídico. Em 1992, assumiu como chefe de gabinete. “Ser chefe de gabinete é se responsabilizar por toda a atividade política, administrativa e institucional da liderança. Devemos ser polivalentes, afinal, estamos aqui pela existência do deputado”, diz Manoel, que tem vasta experiência política.



ALEXANDRE ANTUNES (PMDB)

Alexandre Antunes é o mais jovem chefe de gabinete de liderança em atividade na Alerj. Aos 25 anos, ele coordena, há dois meses, a equipe da maior bancada da Casa, do PMDB. A pouca idade, no entanto, não é obstáculo para o desempenho da função. “É motivo de orgulho. Estou satisfeito por estar aprendendo tanto”, ressalta. Formado em Economia e com pós-graduação na Universidade de San Diego, nos Estados Unidos, afirma que a experiência no setor público está sendo enriquecedora. Para melhorar seu desempenho, pretende cursar a faculdade de Direito. Antunes gerencia a equipe da liderança na análise de projetos, sugestões de medidas, reuniões, etc., além de tentar acompanhar o ritmo acelerado do líder Paulo Melo. “Com ele, não existe rotina”, atesta.



OSWALDO BRÁS (PL)

Além de marido e chefe de gabinete, Oswaldo Braz é o conselheiro oficial da deputada Waldeth Brasiel. “Ela é muito boazinha e nunca tem pressa. Às vezes, eu tenho que abrir os olhos dela”, revela Oswaldo. Averso à política, ele cuida da parte administrativa da Liderança do PL. Oswaldo diz que não participa das campanhas políticas para não atrapalhar a deputada: “Eu não sou tão atencioso e paciente como a Waldeth, então dizem que eu tiro votos dela.”



JORGE SCALISE (PP)

Jorge Scalise foge completamente ao estereótipo do chefe de gabinete. Jorginho, como é chamado, dispensa terno, gravata e formalidades. Na sua sala, os telefones não param um minuto. São amigos, eleitores e assessores que Jorginho atende com a mesma simpatia. Na liderança do PP desde junho do ano passado, Jorge Scalise e o deputado Ricardo Abrão também fazem tabelinha fora da Alerj. “Sempre que dá tempo, jogamos nosso futebol”, diz o tricolor Jorginho.



izam chefes de gabinete da Casa

Fotos Leandro Marins e Mariana Magro

MARCOS NEVES (Governo)

Conciliar os interesses do Governo com a dinâmica da Casa, atender os parlamentares da base e orientá-los sobre as limitações



jurídicas na hora de redigir projetos. Essas são as principais atribuições do chefe de gabinete da liderança do Governo, Marcos Neves. “Somos uma espécie de ponte entre a bancada e a Chefia da Casa Civil do Governo do estado”, explica. A política faz parte de seu cotidiano desde os tempos da faculdade, quando participou da fundação do PDT. Fora da Alerj, Neves não larga o osso: é presidente da associação de pais do colégio de suas filhas. “A política corre nas veias”, justifica. Como chefe de gabinete, ressalta que as mudanças promovidas pela Constituição de 1988 limitaram o trabalho das assembleias legislativas. “Desde que os municípios passaram ser reconhecidos como entes federativos, limitou-se o nosso trabalho, pois ficamos proibidos de legislar sobre as cidades que fazem parte do nosso estado”, explica.

GILBERTO BRAGA (PSDB)

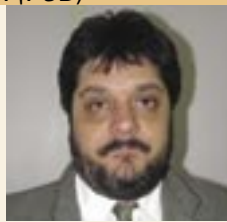
“Sinto-me como um arrumador de algodões entre cristais. Algo como o maestro de uma orquestra política”. Assim, Gil-



berto Braga define o cargo de chefe de gabinete de bancada. Ele tem bagagem para fazer tal afirmação: já desempenhou a função nas principais casas legislativas do País. Antes da Alerj, trabalhou ao lado de Arthur da Távola na Câmara dos Deputados e no Senado Federal por 16 anos. Braga sabe que a experiência é fundamental para desempenhar um bom trabalho à frente da liderança do PSDB – partido que ajudou a fundar, em 1988. “Temos que assessorar a bancada fazendo política. Somos como um termômetro do que acontece dentro e fora da Casa. Por isso, temos que estar sempre bem informados para podermos assessorar corretamente”, acrescenta.

MARCO AGOSTINI (PSB)

Marco Agostini e o deputado Geraldo Moreira militam juntos na política desde a fundação do



PDT. Antes de trabalhar na Alerj, foi diretor da Fesp-RJ, durante o mandato de Anthony Garotinho. “Apesar de estar na política há muitos anos, exerço o cargo de chefe de gabinete há dois. Às vezes as atribuições se confundem, pois além da administração do gabinete tenho que cuidar da parte política, burocrática e representar o deputado”, ressalta.

ROSILENE CORDEIRO (PT do B)

Rosilene – ou Rose, como é conhecida, é apaixonada por política e exerce a função de



chefe de gabinete há seis anos. Ela conheceu o deputado Jodenir Soares na Igreja Universal há mais de 20 anos. “Nunca adotei a postura de chefe, para que pudéssemos trabalhar em harmonia. Se não pudermos resolver o problema do povo, temos de tentar ajudá-los, porque sem eles o deputado não estaria aqui e muito menos eu”, opina Rose.

REINALDO COSTA (PTB)

Reinaldo Costa se diz um político profissional. Na Alerj desde 1982, ele assessorou deputados nas



seis últimas legislaturas. “Vivo da política”, afirma Reinaldo, que planeja escrever um livro sobre os bastidores do Parlamento. Foi nos corredores da Alerj, em 1986, que ele começou a namorar sua esposa, Renata Palmier. Nem nos planos para o futuro a política escapa de Reinaldo Costa. “Ainda vou ser prefeito de Miracema, minha cidade natal”, anuncia.

LINCON LÁZARO (PSC)

A responsabilidade de Lincoln Ázaro cresceu junto com o aumento da bancada do PSC, que passou de três para oito deputados. “É o reconhecimento do trabalho do partido”, diz o administrador e contabilista. Casado e pai de dois filhos, Lincoln entrou na Alerj em 1999, com o deputado Uzias Mocotó.

RENATO GONÇALVES (PSL)

Com apenas 30 anos, bacharel em Direito, Renato Gonçalves é um dos mais novos chefes de gabinete da Casa e exerce a função pela primeira vez. “Apesar de a equipe ser numerosa, não é difícil administrar as pessoas. Somos da paz, e nosso segredo é tratar todos bem, sempre”, explica Renato.

JOÃO DUARTE (PV)

Gerência de pessoal é a principal responsabilidade que João Duarte, chefe de gabinete do PV, destaca para a função. Formado em Publicidade, reconhece a importância da imagem para o sucesso da bancada. Amigo do líder André do PV, diz: “Sua irreverência torna o trabalho especial”.

SHEILA GOMES (PT)

A bancada do PT é composta por oito deputados, e tanto os assessores do gabinete quanto da liderança buscam trabalhar em sintonia. “Acredito muito no trabalho coletivo. Sem essa equipe e o contato integrado com os gabinetes não conseguiríamos realizar um bom trabalho”, garante Sheila.

NOTA

Com as mudanças ocorridas após o primeiro turno da eleição municipal, até o fechamento desta edição o PFL não havia definido quem seria o líder do partido. A indefinição impossibilitou o JORNAL DA ALERJ de entrevistar o chefe de gabinete da liderança do partido.

EM DEBATE: FIDELIDADE PARTIDÁRIA

JOSÉ TÁVORA

DEPUTADO ESTADUAL PELO PMDB

Obrigação pública

Leandro Marins

Um dos aspectos de maior importância dentro da Reforma Política é a fidelidade partidária. Ao entrar num partido, o filiado deveria conhecer as suas políticas públicas e o seu estatuto. Os programas partidários e as propostas eleitorais deveriam constituir promessas e obrigações, também públicas, de forma que a sociedade pudesse exigir o seu fiel cumprimento.



Hoje, nas eleições proporcionais para as Casas Legislativas, há uma situação contraditória. Para ser candidato, há necessidade de filiação do postulante a um partido e a votação atribuída ao partido define o número de candidatos eleitos. Logo, se conclui que o candidato deve ao partido a condição para eleger-se. Se assim é, o pressuposto da eleição proporcional seria o de se conferir o mandato ao partido, e não ao candidato. Se o mandato pertence ao partido, a transferência do candidato eleito para outro partido deveria gerar a perda do mandato, impedindo uma prática comum, de se mudar de partido logo após o resultado das eleições. Maioria eleita nada tem a ver com maioria que governa.

Forçoso, porém, proclamar que, se a fidelidade partidária é uma relação biunívoca entre o partido e os seus candidatos, não pode prevalecer a vontade dos dirigentes de partido. Ao contrário, por respeito aos eleitores, aos postulantes a cargos no partido deve ser assegurada a liberdade de manifestação

“O candidato deve ao partido a condição para eleger-se”

de suas idéias e o direito de lutar pelas suas posições, desde que respeitado o estatuto do partido e o programa partidário. De outro modo não se pode falar de fidelidade partidária.

A despeito dos avanços nas últimas eleições, ficou evidente que os partidos perderam importância para o voto na urna e, mais do que isso, o mandonismo, os “currais eleitorais”, o dinheiro, a mídia e o marketing ajudam a ganhar as eleições. As alianças neste segundo turno, fruto de um caos político, demonstraram o que há de pior para se alcançar o poder. Ninguém presta atenção no programa de ninguém. A consequência é que a maioria dos brasileiros, capaz de brigar na via pública por seu time de futebol, não se sente vinculado ou atraído por nenhum partido político.

ALBERTO BRIZOLA

DEPUTADO ESTADUAL PELO PTN

Eis a questão

Mariana Magro

Em época de eleições municipais volta a se discutir a questão da fidelidade partidária. É um assunto muito delicado, visto que, nos últimos tempos, ou melhor, desde a redemocratização do País e a chegada do pluripartidarismo, o troca-troca de partidos virou uma marca registrada na política brasileira. São raros os políticos que permanecem por muito tempo no mesmo partido e mais raros ainda os que nunca mudaram de legenda.



Não temos, hoje, os exemplos dos que permearam a política no período de 1946 a 1964, pois quando lembramos do velho PTB nos chegam rapidamente à memória os nomes de Getúlio Vargas, João Goulart e Leonel Brizola. Já os nomes de Carlos Lacerda, Eduardo Gomes, Milton Campos e Afonso Arinos nos fazem lembrar da velha UDN, enquanto que Juscelino Kubitschek, Tancredo Neves, Benedito Valadares, Amaral Peixoto e Ulysses Guimarães estão intrinsecamente ligados ao PSD.

É importante que se pergunte ao eleitor se ele vota no partido, na legenda ou no candidato. Precisamos realizar uma pesquisa para saber por que os políticos de outrora foram muito mais fiéis aos partidos do que os de agora, já que, como hoje, as regras eram quase as mesmas e não havia punição para os que trocavam de legenda.

Acho que o eleitor não está muito preocupado com o partido a que o candidato pertence. O voto não é mais ideológico, com raríssimas exceções. É só olhar para as eleições que ora se realizam. As alianças formatadas no primeiro e no segundo turnos dão bem

uma idéia de como as coisas andam. É PFL apoiando PT; PMDB se coligando com PDT, nas mais estapafúrdias dobradinhas. Isso sem falar que logo após a diplomação dos eleitos tanto para as prefeituras quanto para as câmaras municipais, haverá novo troca-troca de partidos, sempre de acordo com as conveniências para a governabilidade, seja em relação aos municípios, estados ou mesmo a federação.

Portanto, tenho a convicção de que a verdadeira fidelidade se deve ao eleitor e ao cumprimento das propostas políticas de cada candidato. Fica aqui a questão shakespeariana: “Ser ou não ser (fiel), eis a questão...”

“O voto não é mais ideológico, com raríssimas exceções”

Alerj recebe servidores em greve

PRESIDENTE DA CASA BUSCA INTERLOCUTOR NO EXECUTIVO PARA DISCUTIR REAJUSTE SALARIAL COM FUNCIONALISMO

FERNANDA GALVÃO E GEIZA ROCHA

Mais um caminho para o entendimento entre os servidores públicos e o Poder Executivo foi aberto no último dia 20, na Alerj. Defensores públicos em greve e servidores da Uerj, da Faetec, do DER e das secretarias de Saúde e Educação estiveram reunidos com o presidente da Casa, deputado Jorge Picciani (PMDB) e outros parlamentares, para chegar a um denominador comum em suas reivindicações. Picciani comprometeu-se a encontrar um interlocutor junto ao Governo do estado, com poderes para discutir com os servidores e elaborar propostas concretas. “A questão salarial está concentrada nas mãos da governadora Rosinha Garotinho. É preciso estabelecer um canal. Este é um caminho irreversível”, ponderou o deputado.

Entre as reivindicações dos defensores públicos estão a equiparação salarial com as demais carreiras jurídicas, a fixação da data limite de remuneração como o último dia útil do mês, a criação do Fundo Especial da Defensoria e a aprovação de emenda constitucional dando ao defensor público-geral poderes para criar cargos na carreira e fixar



Defensores em greve querem equiparação salarial com as demais carreiras jurídicas

a política remuneratória da categoria, além da abertura imediata de concurso. Segundo o presidente da Associação dos Defensores Públicos do Estado do Rio (Adperj), Pedro Carriello, a reunião foi positiva. “Saio daqui com a certeza de que a Casa é o verdadeiro local de ressonância das reivindicações da população”, avaliou.

Após a reunião com os defensores, Picciani, acompanhado do líder do Governo, Noel de Carvalho (PMDB), e de outros parlamentares, recebeu as outras

categorias. A principal reivindicação dos servidores é o reajuste salarial anual. Picciani, que já recebeu os servidores várias vezes, afirmou que o Orçamento de 2005, que está sendo analisado na Casa e é apontado pelo funcionalismo como peça-chave para resolver esta questão, não deve ser visto como a única solução possível. “Não podemos criar despesas, assim como não podemos executar o orçamento do Executivo. Teremos dois meses de discussão para analisar as questões”, explicou.

CURTAS

Curso sobre orçamento

A Consultoria Especial de Assessoramento Financeiro e Orçamentário da Alerj realizará, nos dias 9 e 10 de novembro, o Curso para a Elaboração de Emendas ao Orçamento de 2005, na sala 316 do Palácio Tiradentes. O treinamento, que terá uma hora de duração, é voltado para deputados e assessores parlamentares. Os horários disponíveis são das 14h às 15h e das 15h às 16h. As inscrições deverão ser feitas até o dia 8 de novembro, das 10h às 19h, na Escola do Legislativo Fluminense, pelo telefone 2533-4886 ou pelos ramais 1373 e 1144.

Hans Donner recebe título de Cidadão do Estado do Rio

Considerado um dos *designers* mais criativos do mundo, o austríaco Hans Donner recebeu o título de Cidadão do Estado do Rio de Janeiro, no dia 22. Na solenidade, iniciativa do deputado Paulo Ramos (PDT), Donner ressaltou que o título lhe era entregue 30 anos e um dia após sua chegada ao Rio. “No dia 21 de outubro de 1974 chegava nesta terra para nunca mais ir embora”, disse, ao lado de sua mulher, Valéria Valenssa, e do primogênito, João Henrique. Paulo Ramos agradeceu a Donner por ter escolhido o Brasil como fonte de inspiração para seus trabalhos.



Ramien Brum

ENTREVISTA RICARDO ABRÃO

DEPUTADO PELO PP

'Queremos desenvolver Nilópolis'

GEIZA ROCHA

Aos 21 anos, o deputado Ricardo Abrão já trabalhava voluntariamente com o pai, o então deputado estadual, Farid Abrão David. Apesar da resistência de Farid, que chegou a desestimulá-lo a entrar na política, o caminho se mostrou inevitável. "Era comerciante, e já tinha uma vida estruturada, mas estava envolvido com o trabalho que meu pai desenvolveu e resolvi ajudá-lo a trabalhar pela nossa cidade", conta o deputado, que divide seu tempo entre a Assembleia Legislativa e a Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis, onde é diretor social. Nesta entrevista, Abrão fala sobre a sua atuação junto ao Governo, na luta pelo desenvolvimento de Nilópolis, e sobre o trabalho social que desenvolve junto à sua cidade.

Um de seus primeiros projetos aqui na Alerj foi a distribuição dos kits escolares. A Educação é uma bandeira do senhor neste mandato?

Sim. Quando fui chefe de gabinete de meu pai, o prefeito de Nilópolis Farid Abrão, idealizei e coordenei o programa de distribuição de 15 mil kits escolares aos alunos da rede municipal. E foi um grande alívio para a população pobre e desempregada, que nos primeiros meses do ano é obrigada a comprar material escolar e uniforme para os filhos. Quando apresentei o projeto na Alerj, descobri que a deputada Cidinha Campos (PDT) já havia apresentado este projeto no mandato anterior. Por isso, retirei o meu e votei a favor do dela. Fiquei feliz de colaborar na aprovação do projeto de uma colega que tem o mesmo objetivo que eu.

Sua família tem uma atuação na área social muito forte em Nilópolis. Como o senhor participa deste trabalho?

Sou vice-presidente social da escola de samba Beija-Flor de Nilópolis. Foi na



Leandro Marins

escola que começou esse trabalho social, há 30 anos, quando minha família fundou a creche Julia Abrão David, que hoje atende a 320 crianças. Também temos o Educandário Abrão David, que tem 1.100 alunos, e o Centro de Atendimento Comunitário Nelson Abrão David, o CAC NAD, que funciona na antiga quadra da

"Vou lutar para que o estado indenize famílias de vítimas de violência"

Beija Flor. É um centro profissionalizante em que preparamos as pessoas para o mercado de trabalho. Além disso doamos de 1500 a 2000 fantasias para as pessoas da comunidade, que frequentam todos os ensaios organizados pela escola.

O senhor é relator da Comissão Especial para o Desenvolvimento do Distrito Industrial de Nilópolis. Que avanços a comissão já conseguiu?

Ao lado da cidade de Nilópolis existe o

campo de Gericinó, uma área de 13,5 quilômetros administrada pelo Exército. Hoje, Nilópolis não tem para onde crescer. O objetivo da Lei 4.022, que autoriza a transferência de propriedade desta área, que é da União, para o estado, é desenvolver o distrito industrial de Nilópolis. O problema é que o campo de treinamento, que está desativado, possui minas e o Exército não teria condições de limpá-lo. O que tentamos é a doação de uma faixa de 2,5 quilômetros onde foi construído um dique durante o Governo Marcello Alencar. O coronel Roberto Criscuole, com quem estamos conversando, se comprometeu a nos ajudar.

Que outros projetos do senhor tramitam na Casa?

Recentemente, a governadora Rosinha Garotinho vetou um projeto de lei de minha autoria que obriga o estado a pagar indenização durante três meses aos familiares das vítimas de violência. Vou conversar com ela para que restrinja a indenização aos casos de morte do chefe de família. Estou estudando qual seria o impacto que isso teria para o estado, para tentar viabilizar este projeto.